

## **NOVAS FIGURAS FAMILIARES DE NOSSO TEMPO: QUEM SÃO AS “BISAS” E PARA QUE SERVEM?**

F.D. Valéry

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte – [françoisevalery@hotmail.com](mailto:françoisevalery@hotmail.com)*

### **RESUMO**

Se, algum tempo atrás, os/as avós foram tirados da invisibilidade, consolidando seu papel como protagonistas nas cenas das relações familiares, hoje novas figuras familiares emergem, tais como os/as bisavós e trisavós. No entanto, apesar de sua presença se afirmar em número e contribuição às relações familiares, permanecem como os grandes esquecidos da sociedade, tendo também pouco destaque e visibilidade nas pesquisas. O presente trabalho, fruto de pesquisas sobre as formas de morar da família intergeracional na contemporaneidade, visa relatar traços de sua presença na família e no meio social, refletindo sobre a busca identitária deste novo e crescente grupo social, fruto do atual processo de envelhecimento populacional e das transformações das relações sociais e familiares no Brasil.

Palavras-chave: Envelhecimento humano, Família intergeracional, Condições de vida, Bisavós, Brasil.

### **ABSTRACT**

If, sometime ago, the grandparents were removed from their state of invisibility, reinforcing their roles as the main character in the scenes of the family's relationship, today, some other familiar images are appearing, like great-grandparents and even the great-great-grandparents. However their appearances are being remarked by their large numbers and its contribution to the family's relationships, they evey remain forgotten to the society, having little visibility, let alone highlight, on the research papers. This study, presented by the research done on the contemporary's intergenerational families ways of living (organizational/hierarchies), seeks to inform the traces those invisible people have in their families and in the social environment. The study reflects the quest for an identity of this new and growing social group, consequence of the current population aging process and Brazilian's social and family's relationships transformation.

Keywords: Human aging, intergenerational families, Living conditions, Great-grandparents, Brazil.

### **INTRODUÇÃO**

Ao iniciar o presente artigo, pedimos licença a Maria Amália Faller Vitale por adaptar o título de um trabalho seu (2005) ao nosso objeto, que é de situar as figuras das bisavós e trisavós na configuração familiar contemporânea.

Adotamos o termo “bisas” como genérico para designar, neste artigo, uma categoria socialmente significativa de pessoas que passaram a integrar com mais frequência a estrutura familiar e cuja composição ainda é bastante indeterminada, pois somente sua condição geracional a designa.

O argumento desenvolvido neste trabalho é o seguinte: se, algum tempo atrás, os/as avos foram tirados da invisibilidade, consolidando seu papel como protagonistas nas cenas das relações familiares, hoje novas figuras familiares emergem, tais como os/as bisavós e trisavós. No entanto, apesar de sua presença se afirmar em número e contribuição às relações familiares, permanecem como os grandes esquecidos da sociedade, tendo também pouco destaque e visibilidade nas pesquisas.

O presente trabalho, fruto de pesquisas sobre as formas de morar da família intergeracional na contemporaneidade, visa relatar traços de sua presença na família e no meio social, refletindo sobre a busca identitária deste novo e crescente grupo social, consequência do atual processo de envelhecimento populacional e das transformações das relações sociais e familiares no Brasil. Portanto, o objetivo é refletir sobre o papel que as bisas desempenham nas famílias de hoje. De que grupo humano estamos falando? Qual a sua presença nos fatos cotidianos da vida familiar? De que forma se inserem no meio das relações intergeracionais e de gênero?

Interessante se faz notar que a bibliografia referente ao tema das famílias intergeracionais com quatro ou mais gerações ainda é escassa, enquanto a relativa ao papel que os/as avos desempenham na vida familiar e social começa a ser significativa. No entanto, é quase unanimidade entre os pesquisadores de que, mesmo com o crescente reconhecimento da importância e das implicações do envelhecer nas sociedades contemporâneas, tanto os/as avos como os/as bisavós e trisavós ainda não ocupam um espaço privilegiado na academia, “tanto nos espaços sobre as questões da família contemporânea como naqueles que pesquisam e tratam do envelhecimento” (Vitale, 2005, p. 94).

Attias-Donfut e Segalen (1998), ao analisar o papel dos mais idosos na sociedade francesa, já haviam chamado a atenção para a pouca visibilidade dos avós como atores sociais nas pesquisas sociológicas sobre família (s). No entanto, novos estudos sobre famílias intergeracionais tem salientado sua emergência como protagonistas nas cenas das relações familiares. Por exemplo os estudos sobre os modos de vida das famílias intergeracionais realizados por Camarano et al (2011), Valéry (2012; 2014) e Goís (2012).

Um conjunto de observações empíricas realizadas em campo por ambas as autoras permite também ratificar a emergência desses novos atores sociais, em cenas da vida cotidiana. Os membros da família pertencentes às gerações mais velhas estão cada vez mais presentes, desempenhando um conjunto de papéis em várias áreas: como companheiros de brincadeira e auxiliares na socialização das crianças; como suporte financeiro no sustento de famílias inteiras (principalmente mediante repasse dos recursos oriundos de aposentadorias ou pensões para financiar as atividades dos demais membros das famílias nas áreas rurais e pequenas cidades do interior); como contrapeso nas relações afetivas familiares; como responsáveis pela guarda e educação de netos, formal e juridicamente estabelecida mediante multiplicação de sentenças neste sentido no país inteiro. E principalmente como pessoas que reivindicam um lugar na família e na sociedade contemporânea, como exemplo de vida e superação (Aguiar, 2007). Há hoje uma grande diversidade de situações que envolvem o papel dos membros mais idosos das famílias brasileiras, em todas as classes sociais.

No entanto, se, algum tempo atrás, os/as avós foram tirados da invisibilidade, consolidando seu papel como protagonistas nas relações familiares, hoje novas figuras familiares emergem, notadamente pertencentes às quartas e quintas gerações das famílias, tais como os/as bisavós e trisavós. Justifica-se, portanto, o presente artigo, cujos dados foram extraídos de pesquisas sobre as formas de morar da família intergeracional na contemporaneidade, que visa relatar traços de sua presença na família e no

meio social, refletindo sobre a busca identitária deste novo e crescente grupo social, consequência do atual processo de envelhecimento populacional e das transformações das relações sociais e familiares no Brasil.

Deste modo, os objetivos do presente trabalho são de contribuir para uma reflexão necessária sobre o papel que as bisas desempenham nas famílias de hoje. De que grupo humano estamos falando? Qual a sua presença nos fatos cotidianos da vida familiar? De que forma se inserem no meio das relações intergeracionais e de gênero? Que lições podemos tirar de sua presença na família e no meio social?

## **METODOLOGIA**

Interessante se faz salientar que a preocupação das autoras do presente paper não era, inicialmente, desenvolver uma pesquisa sobre esses novos/as atores sociais, já que poucos estudos focalizam esse grupo na literatura especializada sobre envelhecimento e sobre habitação. Foi durante as pesquisas de campo realizadas entre 2009 e 2014 que sua presença se fez constante e crescente. Na época, ambas as pesquisadoras procuravam desvendar como moram as famílias intergeracionais e como seus membros dividem o mesmo espaço e se inter-relacionam em seu cotidiano<sup>1</sup>.

As observações de campo mostravam que as famílias intergeracionais de idosos e com idosos iam muito além da co-habitação ou da co-residência de três gerações: além dos idosos, seus filhos e netos, havia outros parentes presentes, dentre os quais os próprios pais dos idosos, em alguns casos seus avós. Nos atos da vida cotidiana (em refeições feitas pela família fora de casa

---

<sup>1</sup> Tais estudos foram desenvolvidos no quadro do projeto de Pesquisa “Formas de Morar na Contemporaneidade”, da Profa Doutora Françoise Dominique Valéry, antropóloga e urbanista, da UFRN, entre 2009 e 2014, e por Lucia Helena Costa de Gois, Assistente Social, da UERN, no quadro de estudos que subsidiaram a sua Tese de Doutorado, defendida em abril de 2015.

nos domingos, como hoje é hábito) e nas festas de família (aniversários, batizados, bodas, por exemplo), as bisas faziam-se presentes, sendo sua presença festejada. Lá estavam os novos sujeitos.

Motivo pelo qual o método escolhido para pesquisa foi a realização de estudos de casos com famílias intergeracionais contemporâneas, de camada social média e alta, principalmente em Natal e em cidades do interior do estado do Rio Grande do Norte. A técnica utilizada para a seleção destes casos foi a da “bola de neve”, a saber indicações de conhecidos, amigos e parentes destes conhecidos, para chegar às famílias e aos sujeitos.

A pesquisa sócio antropológica, de natureza qualitativa, buscou apreender dados subjetivos obtidos de entrevistas semi-estruturadas e de observações anotadas em caderno de campo. É interessante salientar que a investigação não se limitou a contemplar os membros das famílias intergeracionais que de fato dormem sobre o mesmo teto, mas incluiu as pessoas temporariamente ausentes, as presentes, as voláteis e as que se encontram em permanente conexão; ou seja, aquelas que continuam ligadas a uma determinada casa, identificando-a como sua. Como é muitas vezes o caso das bisas.

A análise evidencia o que a tese de doutorado de Góis (2015) trouxe como maior contribuição, a saber a atual coexistência de três tendências de co-habitação intergeracional: temporária, permanente e em conexão, situações que transformam, por menor período de tempo que seja, a rotina/dinâmica e o ambiente das residências das famílias em seus cotidianos. Enquanto estratégias de co-residência foram utilizadas, no passado, em função dos mais diversos fatores sociais e econômicos, a co-habitação em conexão apresentou-se como fenômeno tipicamente contemporâneo dando suporte a uma rede de apoio intergeracional bastante utilizada como estratégia de sobrevivência, como já mostravam Aguiar (2007) e Camarano et al (2011).

Os dados analisados e as falas coletadas em entrevistas mostram que a família intergeracional se utiliza de uma rede de trocas onde tudo se faz em função da necessidade do outro. Esta rede costuma surgir em momentos em que conflitos entre gerações se manifestam com maior intensidade e por falta de alternativas, como poucos recursos financeiros para, em especial os mais jovens, criarem o seu próprio espaço no cotidiano ou a necessidade de achar soluções criativas para dar atenção aos mais idosos, sejam eles autônomos ou dependentes. No tocante aos mais idosos, encontram-se em busca de espaço físico e simbólico para si e de reconhecimento de seu papel social.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De que grupo humano estamos falando? Quem são as bisas? Não são tão somente as pessoas mais velhas no topo da pirâmide familiar, até porque, se falecer, tal papel passa automaticamente para a pessoa seguinte com mais idade naquela configuração familiar. Com certeza, o fator geracional é preponderante no seio daquela contagem mas o recorte etário (da idade) não pode ser o único critério a ser usado. Isto, tendo em vista que, contrariando preconceitos acerca da associação entre idade e status de bisavo na família, notamos que há bisas nas mais variadas faixas etárias (sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem anos e mais), as vezes com aparência muito parecida com suas filhas ou irmãs mais jovens ou demais parentes presentes nas entrevistas. Além de certa idade, as aparências enganam e precisa de bastante cautela na condução das entrevistas.

No entanto, pode-se afirmar que há uma tendência notável para que a aquisição do status de bisas se dê cada vez mais em adultos envelhecendo e idosos jovens (entre 55 e 70 anos). As vezes até mais cedo, como mostram recortes de jornais ou reportagens midiáticas, salientando que tal ou tal pessoa de renome se tornou bisavó com pouco mais de 50 anos. Fato antes surpreendente que se torna corriqueiro.

Qual o seu papel e a sua presença nos fatos cotidianos da vida familiar? Há uma diversidade de situações que podem ser elencadas tais como: a multiplicação dos arranjos familiares que aproximam pessoas de gerações não sucessivas (avos e netos por exemplo); a mudança nos padrões familiares até então bastante rígidos ou rigidamente “protegidos” em termos jurídicos; a atualização dos papéis familiares com a interferência de relações afetivas consideradas mais importantes que os laços de sangue; a afirmação de novas formações familiares onde os idosos são provedores de seus netos (Santana, 2011) e ainda cuidadores de seus próprios pais, dentre outros.

Talvez o papel mais importante desempenhado pelas bisas seja o da manutenção (real e simbólica) dos vínculos familiares e comunitários. Com isso, as bisas tendem a substituir ou complementar o papel dos avos na vontade de perpetuação dos laços familiares e na função de transmitir ou assegurar uma identidade genealógica, ao longo das gerações. No Nordeste, onde pesam bastante as tradições familiares, o sentimento de pertencimento parece se fortalecer com a organização de encontros multigeracionais de familiares (em centros comunitários ou sítios e fazendas do interior do estado), com dezenas, até centenas de participantes vindos de todo o país, naquele momento de celebração juntos em torno dos mais velhos. São eventos hoje amplamente divulgados pelas mídias locais e redes sociais, representativos desta busca pela manutenção dos laços familiares.

As bisas também contribuem para atenuar os preconceitos desfavoráveis à velhice enquanto símbolo de decadência e decrepitude, que antigamente pesavam quase que exclusivamente sobre os avos. Ao assumir o papel de representantes das gerações com mais idade, liberam os demais do peso deste preconceito, já que os/as avos gostam de aparecer cada vez mais “jovens” e socialmente uteis à família e a sociedade, enquanto “os velhos são os outros” (Vitale, 2005; Britto da Motta, 2007).

Haveria certa dissociação dos papéis antes associados só aos avos, como a educação dos netos e bisnetos por exemplo: caberia mais hoje as bisas contar histórias, oferecer pequenos presentes e mimos, guloseimas e passeios, transmitir as histórias familiares...enquanto os avos acabam tornando-se cada vez mais parceiros dos filhos e companheiros de brincadeiras dos netos, que ajudam a sustentar, acolher e cuidar ao cotidiano. Nas portas das creches, escolas e colégios, os avos estão cada vez mais presentes; têm seu dia e são festejados como pais e mães. O que não acontece ainda com as bisas. No entanto, cabe ressaltar, acompanhando Ferrigno (2006), que se multiplicam os exemplos de co-educação entre as gerações, fruto não somente da longevidade mas também das oportunidades de prolongar o papel dos mais idosos junto aos mais jovens (crianças, adolescentes e jovens adultos).

De que forma se inserem no meio das relações intergeracionais e de gênero? Inúmeros estudos mostram que a vida familiar supõe, ao mesmo tempo, o convívio e o confronto entre gêneros e gerações. A condição de ser avô ou avó se modifica ao longo do percurso de vida, fazendo com que “os belos anos de ser avós podem dar lugar a anos mais difíceis” (Attias-Donfut e Segalen, 1998), quando os idosos passam a precisar cada vez mais do amparo dos mais jovens.

A maioria dos autores que refletem sobre envelhecimento e suas consequências sobre o ciclo de vida das pessoas, destacam o fato da situação de “bisa” escapar inteiramente ao controle do indivíduo. Assim, tendo em vista as mudanças nas relações de casamento, a monoparentalidade e os altos índices de maternidade precoce entre adolescentes, há cada vez mais mulheres que se tornam avós na faixa dos 40 anos e jovens bisavós, sem contar a possibilidade de tornar-se trisavó em torno dos 80 anos... isto enquanto a longevidade aumenta significativamente a possibilidade de passar rapidamente de uma situação a outra.

Pois, com o alargamento da expectativa de vida, “pode se passar boa parte da vida adulta na condição de avós, tios-avós e bisavós” (Vitale, 2005, p. 99). Situação definitiva que obriga a pessoa a assumir nova identidade na sucessão das gerações, e acaba provocando séria crise de identidade (Ewald, 2005), isto porque o círculo familiar tende a atribuir nova identidade à bisa sem deixar claro seu papel, fazendo com que esta se sinta sem muita noção do que se espera dela ou dela. “Afinal, para que serve uma bisa? Parece que ninguém sabe” confidenciava uma entrevistada de 83 anos, de classe média-alta, residente em Natal num apartamento de condomínio vertical, com os dois filhos (divorciados) mais velhos, uma neta (solteira) recém-formada em direito, ao anunciar o nascimento de sua segunda bisneta.

Se ser avô ou bisavô é um acontecimento definido pelos filhos ou netos, essa situação se reflete também nas relações entre gêneros, pois homens e mulheres dão um sentido diferente aos papéis que estão levados ou obrigados a assumir (Kuchemann, 2012). “Das mulheres (que estão envelhecendo) se espera e se delega a assistência à geração mais nova e às mais velhas”, afirma Alda Britto da Motta (2007), salientando o quanto esse ponto de vista naturaliza a atribuição de tarefas desiguais entre homens e mulheres. Neste ponto de vista, a geração mais velha tende a ser quase que exclusivamente feminina, tendo em vista as diferenças entre expectativas de vida entre homens e mulheres e o aumento da porcentagem de idosas longevas. O que concorre para acentuar do fenômeno da chamada “feminização da velhice” (Daniel et al, 2012).

Assim, as mulheres de meia idade entrevistadas por nós (Valery, 2012) reclamavam do fato de estarem pressionadas para conciliar demandas contraditórias e as vezes insuportáveis, tendo que adiar ou subverter projetos de vida pessoais (realização pessoal, trabalho, relacionamento afetivo) para investir em obrigações familiares de atenção e cuidado com os mais jovens e os mais velhos, o que não deixava de gerar insatisfações e conflitos.

Enquanto as relações dessas mulheres com gerações mais novas eram vistas como mais prazerosas e socialmente úteis, as suas relações com gerações mais velhas revelaram-se como mais conflitivas e desgastantes, gerando profundas implicações sociais, emocionais, afetivas e financeiras nas suas vidas.

Que lições podemos tirar da crescente presença das “bisas” na família e no meio social? A longevidade e a melhora da qualidade de vida da população idosa produziram e produzem efeitos significativos sobre os arranjos familiares e domiciliares, que se diversificam e se multiplicam, como mostram dados do Censo do IBGE, das PNADs e de outras fontes (IPEA). Se, de um lado, encontram-se idosos que vivem institucionalizados, e de outro, idosos que moram só (cujo número está crescendo, segundo dados censitários), no meio, há um amplo espectro de arranjos familiares e domiciliares (Camarano, 2004; Gois, 2015). É neles que vivem a maior parte dos idosos brasileiros, idosos jovens ou centenários, idosos autônomos ou dependentes, avós e bisavós tecendo laços com as demais gerações, disputando espaço e (re)definindo seu papel na família e na sociedade (Gois, 2012; Valéry, 2014).

É fato notório que a imagem dos idosos como dependentes, antes centralizado pelo discurso médico e do serviço social, passou a ser relativizado por outras imagens que emergem e se consolidam: a de idosos participativos em todos os campos: social, afetivo e econômico. Isto já aconteceu com o idoso chefe de família ou provedor de núcleo familiar intergeracional, chegando-se ao idoso cuidador. Aliás, vários estudos já salientaram o papel dos avós (principalmente, mas não somente, de camadas sociais mais pobres) que se tornaram chefes de família e principais provedores e cuidadores (Camarano e Pasinato, 2011). Assim, apesar de dispor de poucos recursos oriundos de aposentadoria ou pensão, procuram ajudar as famílias que acabam morando sob seu teto e sustentam boa parte da economia de muito pequenos municípios do interior do estado do Rio Grande do Norte, onde este

fato já foi averiguado (Valery, 2011). Deste modo, passam a assumir, querendo ou não, nova identidade social numa sociedade em crise e em transformação (Ewald, 2005).

Neste caso, o que há de novo é que, além de dedicar-se aos crianças, jovens e adolescentes, precisam amparar outro grupo crescente: seus próprios pais idosos, cada vez menos autônomos e mais dependentes enquanto a idade avança. Multiplicam-se então os núcleos familiares de idosos e com idosos, com netos e bisnetos (Vitale, 2005; Valéry, 2012) em diferentes situações de arranjos intergeracionais, em todas as classes sociais.

## **CONCLUSÃO**

Num contexto de mundo pós-moderno que se globaliza e cujas referências são flutuantes, o envelhecimento e as transformações no âmbito das famílias criam condições para emergência de novas subjetividades e novos comportamentos. No entanto, faltam modelos e valores que sustentem a produção de sentido. É o caso quando se verifica o mal-estar sentido pela emergência de figuras antes altamente improváveis de existir, tais como os/as bisavós e trisavós.

No seio das relações intergeracionais, há, hoje, cada vez mais possibilidades de crianças, adolescentes e jovens, conhecer e conviver com seus avós e bisavós. É importante fator de integração social para eles, bem como de produção social e simbólica de novos laços, que visa compensar o medo ligado ao possível isolamento e abandono que assola os mais velhos. Preocupados com a ausência de “projeto de vida” relacionado ao fato de ter que assumir nova identidade ao se tornar “bisa”, os idosos e mais ainda as idosas estão em busca de reconhecimento de seu papel na família e na sociedade.

Sabemos o quanto ainda é tímida a produção brasileira em termos de resultados de pesquisas sobre esses assuntos, tendo em vista a grande quantidade de variáveis de estudo a serem consideradas. Mas esses são os limites com os quais as pesquisadoras se deparam e que fazem da continuidade da pesquisa um imperativo ao mesmo tempo alentador e desafiador.

## REFERÊNCIAS

Aguiar, J.E. A experiência da co-residência para idosos em família intergeracional. 2007. 106 f. [Mestrado em Enfermagem]- Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.

Attias-Donfut, C. Segalen, M. Grands parents: la famille à travers les générations. Paris: Jacob, 1998.

Britto da Motta, A. Família e gerações: atuação dos idosos hoje. In: \_\_\_\_\_; Borges, a. Castro, M. G. (Orgs.). Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 111-134.

Camarano, A. A. et al. Como Vive o Idoso Brasileiro? In: Camarano, A.A. (org.) Os Novos Idosos Brasileiros Muito Além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

\_\_\_\_\_; Pasinato, M.T. Famílias: espaço e compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. 32 f. Texto para discussão (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/IPEA) Brasília-DF. <<http://www.ipea.gov.br>> Acesso: 19/01/2011.

Daniel, F.; Simões, T.; Monteiro, R. Representações sociais do «Envelhecer no masculino» e do «Envelhecer no feminino». Ex aequo, Vila Franca de Xira, n. 26, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602012000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 08 ago. 2015.

Ewald, A. P. Identidade e construção do sujeito numa era de incerteza. In: Zigueib Neto, J. (org.) Identidades e crises sociais na contemporaneidade. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2005. p. 215-231.

Goís, L.H.C. de. Minha casa tem meu jeito? percepção e representação sobre o uso e ocupação do espaço entre gerações. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de

Estudos e pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR). 2012, João Pessoa. Resumos/Anais... João Pessoa: REDOR, 2012.

KUCHEMANN, B. A. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. Soc. estado., Brasília, v. 27, n. 1, p. 165-180, Abr. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922012000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 ago. 2015.

Santana. N. C. G. Criança e adolescente sob guarda de avós. Dissertação (Mestrado em Família na sociedade contemporânea). Universidade Católica de Salvador, 2011. 131 p.

Valery, F.D. A vida privada entre as quatro paredes de um quarto: permanências e transformações do cotidiano em famílias de idoso e com idoso em Natal/RN. Anais do 41º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos São Paulo, 21 de maio de 2014. São Paulo: CERU, 2014.

\_\_\_\_\_. Possibilidades e limites da co-habitação intergeracional em Natal: reflexão sobre espaços e tempos sociais. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de estudos e pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR). 2012, João Pessoa/PB. Resumos/Anais... João Pessoa: UFPB/REDOR, 2012.

\_\_\_\_\_. Da casa de família ao espaço Gourmet: reflexões sobre as transformações dos modos de morar em Natal-RN.. Cadernos do CERU, v.22, n.1, 2011. São Paulo: USP/CERU, 2011.

Vitale, M.A.F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: Acosta, A.R.; Vitale, M.A.F. (Orgs.). Família, redes, laços e política públicas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 93-105.